

Março/2018

Estudo Setorial

Competitividade da Indústria de Confecção de Vestuário e Acessórios

Gerência-Geral de Planejamento de Marketing
Divisão de Pesquisa e Estatística

Sistema
FIRJAN



INFORMA,
FORMA,
TRANSFORMA.

Sumário

Introdução.....	03
Evolução da Produção Industrial.....	04
Importações de Artigos do Vestuário e Acessórios.....	05
<i>Market Share</i> do Consumo Interno.....	07
Perfil da Atividade Econômica: Estabelecimentos e Empregos.....	08
Remuneração e Escolaridade dos Trabalhadores Formais.....	10
Informalidade das relações de trabalho.....	12
Desempenho: Produtividade e Custo unitário da produção.....	13
Indícios de futuro: Atualização tecnológica e Cadeia de fornecedores.....	15
BOX: Exportações de Artigos do Vestuário.....	17
Conclusões e Recomendações.....	18

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro.

Presidente: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Vice-Presidente Executivo:** Ricardo Maia; **Diretor Executivo de Relação com Associados:** Flávio Dantas. **Gerente-Geral de Planejamento de Marketing:** Glícia Carnevale; **Coordenadora da Divisão Pesquisa e Estatística:** Tatiana Sanchez; **Equipe Técnica:** Marcio Felipe Afonso

Introdução

A análise da competitividade setorial não é simples nem trivial. Um movimento de expansão da produção não necessariamente significa ganho produtividade e nem de mercado, ao mesmo tempo que flutuações negativas não condenam ao fracasso o desempenho do setor. Movimentos de conjuntura econômica podem mascarar o real cenário produtivo, já que em um contexto de aumento do desemprego, declínio da demanda, ou até mesmo a redução do seu ritmo de crescimento, podem ser erroneamente confundidos com perda de competitividade. Sobretudo, quando se olha apenas para o próprio desempenho, sem considerar flutuações nos mercados ao redor, ou quando a análise se restringe a indicadores descontextualizados.

Com a finalidade de entender o papel do estado do Rio de Janeiro na **Indústria de Confeção de Vestuário e Acessórios** do Brasil busca-se um olhar integrado de variáveis e players do mercado nacional através de temas como evolução da produção, mercado de trabalho, composição do mercado e da cadeia, comércio exterior e investimentos. A partir disso, é possível averiguar o quão competitiva é a indústria de confecção fluminense frente aos demais estados e quem são aqueles que despontam no cenário nacional.

Para essa análise, foi contemplada a divisão 14 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) - **Confeção de Vestuário e Acessórios** e todas suas atividades - *Quadro 1*. As comparações focaram a média brasileira e, exceto quando explicitado de outra forma, nos outros nove estados com maior produção e mercado de trabalho do setor de confecção de vestuário: **São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Ceará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, Rio Grande do Norte e Pernambuco**.

Quadro 1:

Atividades Econômicas que compõem o setor de Confeção de Vestuário e Acessórios

1412-6 | Confeção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas

1411-8 | Confeção de roupas íntimas

1413-4 | Confeção de roupas profissionais

1414-2 | Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção

1422-3 | Fabricação de artigos do vestuário, produzidos em malharias e tricotagens, exceto meias

1421-5 | Fabricação de meias

Evolução da Produção Industrial

O valor bruto da produção industrial¹ (VBP) representa o valor agregado gerado por um setor na economia, acrescido dos insumos consumidos no processo industrial daquela atividade. Em suma, ele não apenas representa a riqueza gerada pelo setor através da transformação industrial, mas também o valor que ele movimentou em todos os elos de sua cadeia de fornecedores. Dessa forma, configura-se como o mais importante indicador para mensurar o tamanho e a relevância de uma indústria na economia brasileira.

Nesse contexto, a *Tabela 1* disponibiliza informações sobre quanto cada unidade da federação contribuiu para o Valor Bruto da Produção de Vestuário brasileira em 2015, informação mais recentemente divulgada pelo IBGE.

São Paulo e **Santa Catarina** lideravam, em 2015, a produção industrial de artigos de confecção – em conjunto, esses estados respondem por quase metade da produção total brasileira. O **Rio de Janeiro**, por sua vez, se destaca ao figurar na 3ª colocação.

Chama atenção que, entre 2007 e 2015, o Valor Bruto da Produção Industrial fluminense de Vestuário e Acessórios mais do que duplicou em termos reais (+162,5%), um enorme diferencial frente à evolução do Brasil como um todo nos mesmos anos (+9,6%) – *Gráfico 1*. Diante desse movimento, a participação da produção fluminense no âmbito nacional saltou de 4,7% em 2007 para 10,2% em 2015, superando **Paraná**, **Ceará** e **Minas Gerais** no ranking de maiores produtores de vestuário do país.

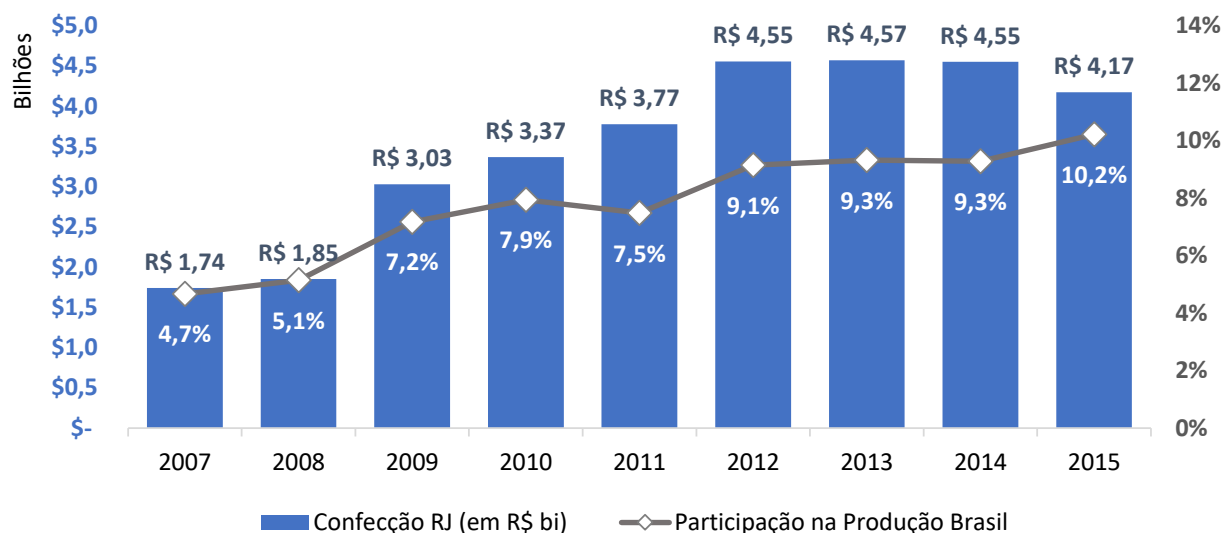
Em contrapartida, no topo do ranking brasileiro, **São Paulo** encerrou 2015 produzindo 34,5% a menos do que em 2007, ao passo que as confecções de **Santa Catarina** avançaram 35,2% e se aproximaram da liderança na produção de vestuário brasileira.

Tabela 1: Participação dos estados no VBP do setor de Confecção de Vestuário e Acessórios brasileiro em 2015

UF	Valor Produto da Produção Industrial (em Mil)	Part.
SP	R\$ 10.472.402	25,6%
SC	R\$ 9.719.268	23,8%
RJ	R\$ 4.172.661	10,2%
PR	R\$ 3.579.715	8,8%
CE	R\$ 3.070.852	7,5%
MG	R\$ 2.311.135	5,7%
RS	R\$ 1.490.361	3,6%
GO	R\$ 1.397.086	3,4%
RN	R\$ 947.720	2,3%
PE	R\$ 794.363	1,9%
Outros	R\$ 2.897.600	7,1%
Brasil	R\$ 40.853.163	

Fonte: PIA/IBGE

¹ A Pesquisa Industrial Anual (PIA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibiliza informações sobre o Valor Bruto da Produção Industrial dos principais setores econômicos para as unidades da federação. A última atualização da pesquisa, realizada em 2017, refere-se ao ano-base de 2015.

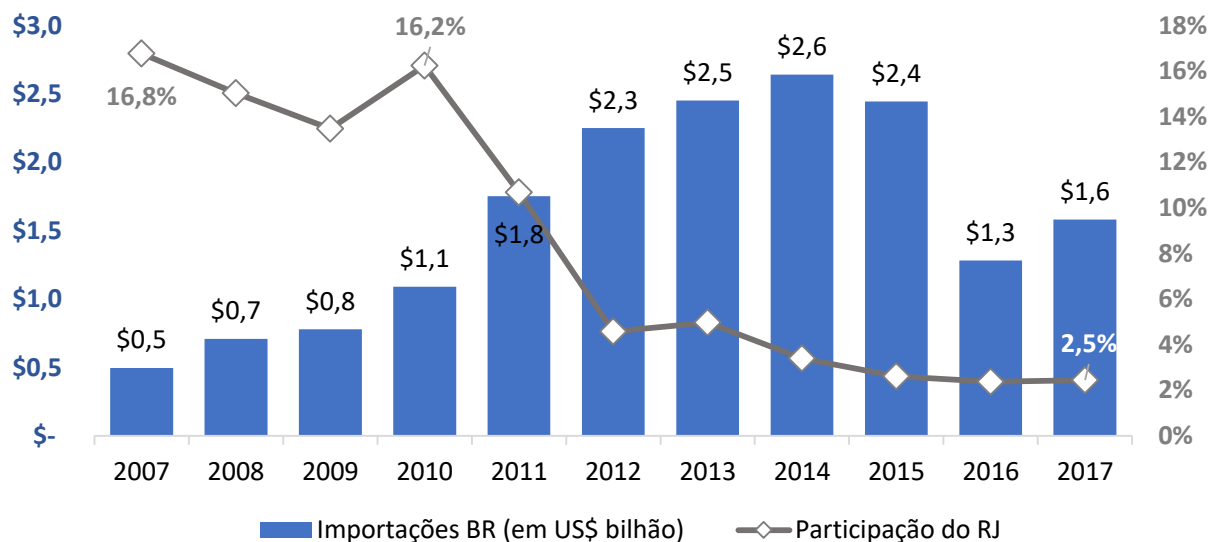
Gráfico 1: Evolução da Produção Industrial Fluminense de Confeção de Vestuário e Acessórios (Valores Reais)

Fonte: PIA/IBGE
Deflator: IPA-OG - FGV

Importações de Artigos do Vestuário e Acessórios

Importados também se configuram como concorrentes diretos da produção nacional, sendo assim, é pertinente observar os fluxos e volumes para entender como este mercado influencia – direta ou indiretamente – o mercado interno e a competitividade dos estados. A hipótese por trás desta análise é simples: se foi comprado de fora, deixou de ser produzido dentro.

Os movimentos do comércio exterior mostram que, entre 2007 e 2014, as importações brasileiras de vestuário registraram forte crescimento e atingiram U\$ 2,6 bilhões, valor consideravelmente superior aos cerca de U\$ 500 milhões importados em 2007. Já em 2015 e 2016, com o agravamento da crise econômica e da escalada da taxa de câmbio, as compras externas de vestuário recuaram de forma contundente. Em 2017, contudo, o montante importado voltou a crescer, avançando 23,5% na passagem anual. Nesse movimento o comportamento das importações do estado do Rio mudou, reduzindo sua participação no total nacional e mantendo-se estável desde 2012.

Gráfico 2: Evolução das Importações de Confeção de Vestuário e Acessórios Brasileiras e Participação do RJ

Fonte: MDIC/AliceWeb

Particularmente, o estado do **Rio de Janeiro** não é um grande importador de vestuário. Em 2017, o estado foi responsável por apenas 2,5% do total de artigos importados do setor no Brasil – *Tabela 2*. Mais do que isso, o valor das importações fluminenses equivale a apenas 5,1% do total produzido no estado, proporção consideravelmente inferior à observada nos dois maiores produtores do país, **São Paulo** (36,4%) e **Santa Catarina** (26,6%).

Portanto, ainda que o Rio de Janeiro não adquira um grande volume de importados diretamente do exterior, concorre com esses produtos através dos grandes estados importadores (São Paulo e Santa Catarina). Desta forma, os concorrentes estrangeiros são um elemento relevante na análise da competitividade do setor de vestuário fluminense.

É importante frisar, contudo, que a análise pormenorizada das categorias de vestuário importadas pelo Brasil e pelo Rio de Janeiro evidencia pouca competição direta com a atividade de produção de **moda íntima e moda praia**, segmentos no qual o estado do **Rio de Janeiro** se destaca em número de empregados e estabelecimentos. Estas rubricas representam apenas 5% das importações tanto pelo Rio de Janeiro quanto pelos demais estados. A análise do perfil das atividades será explorada mais adiante.

Tabela 2: 10 Maiores Importadores de Confeção de Vestuário e Acessórios em 2017 (em US\$)

UF	Importações	Part.
SP	\$ 700.627.928	44,3%
SC	\$ 486.733.560	30,8%
AL	\$ 114.781.522	7,3%
ES	\$ 54.891.843	3,5%
RO	\$ 51.188.963	3,2%
MS	\$ 44.975.598	2,8%
RJ	\$ 38.823.630	2,5%
PR	\$ 29.891.951	1,9%
MG	\$ 15.305.223	1,0%
RS	\$ 15.233.654	1,0%
BR	\$ 1.582.580.535	

Fonte: MDIC/AliceWeb

Tabela 3: Distribuição das Importações de Confeção de Vestuário e Acessórios por Segmento em 2017

Segmentos	RJ	BR
Vestuário Masculino	41,5%	28,0%
Vestuário Feminino	33,3%	37,5%
Acessórios do Vestuário	10,7%	6,9%
Moda Íntima	3,3%	4,7%
Moda Praia	1,9%	0,8%
Demais	9,3%	22,1%

Demais: camisetas, suéteres, vestuário para bebês, meias, etc. Fonte: MDIC/AliceWeb

A **China** é a principal origem das importações brasileiras, e no Rio de Janeiro isso não é diferente. Em 2017, a potência asiática respondeu, por 58,6% e 60,8% das importações de vestuário do Brasil e do Rio, respectivamente. Em outras palavras, não há diferencial competitivo entre as unidades da federação quanto ao fornecedor estrangeiro desses produtos, uma vez que todas são em sua grande maioria supridas pelos importados de origem chinesa.

Market Share do Consumo Interno

Entendendo o tamanho da produção e das importações é possível estimar o *market share* que a produção de cada estado brasileiro cobre na demanda interna do setor de confecção de vestuário bem como qual o peso efetivo da concorrência estrangeira no mercado brasileiro. O consumo nacional total de artigos do vestuário é obtido através dos dados de produção interna (VPB), subtraída da parcela remetida ao exterior através das exportações e acrescida da demanda suprida pelas importações. A *Tabela 4* abaixo mostra a evolução da participação dos 10 maiores estados produtores e das importações de vestuário no suprimento do consumo interno do setor.

Tabela 4: Market Share do Consumo Interno do setor de Confecção de Vestuário e Acessórios brasileiro | Produção UF e Importação BR

Origem	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
SP	41,4%	38,6%	37,6%	26,7%	35,1%	29,6%	25,5%	22,5%	21,3%
SC	18,2%	18,8%	18,1%	25,0%	19,3%	19,1%	20,0%	21,9%	19,8%
Importações	4,0%	4,9%	5,1%	5,7%	6,9%	9,7%	10,8%	12,3%	16,8%
RJ	4,4%	4,8%	6,8%	7,4%	6,9%	8,2%	8,3%	8,1%	8,5%
PR	5,5%	5,4%	5,5%	6,3%	6,5%	7,0%	8,0%	7,2%	7,4%
CE	5,2%	5,5%	5,6%	5,7%	5,5%	4,9%	5,7%	6,1%	6,3%
MG	7,7%	6,3%	5,4%	5,9%	4,7%	5,1%	4,7%	6,1%	4,7%
GO	2,0%	2,7%	3,3%	2,9%	2,5%	2,6%	4,2%	2,6%	2,9%
RS	3,9%	3,8%	3,3%	3,6%	3,5%	2,7%	2,7%	3,2%	2,8%
RN	1,9%	2,4%	2,1%	2,2%	1,7%	1,7%	1,8%	1,9%	2,0%
PE	1,0%	1,0%	1,1%	1,7%	1,3%	2,8%	2,1%	2,1%	1,6%
Demais Ufs	4,7%	5,9%	6,2%	6,9%	6,1%	6,5%	6,2%	5,8%	5,9%

Fonte: PIA/IBGE e MDIC/AliceWeb

Observa-se que, entre 2007 e 2015, as importações mais do que quadruplicaram sua participação no mercado de vestuário brasileiro, saltando de 4,0% para 16,8% do consumo total. A produção do estado de **São Paulo** foi quem mais perdeu espaço para as importações no cenário nacional – sua participação caiu quase pela metade, de 41,4% em 2007 para 21,3% em 2015. Em direção contrária, a produção de vestuário do **Rio de Janeiro** ganhou espaço no cenário nacional e, a despeito da crescente concorrência com produtos importados, sua participação no *market share* de consumo de vestuário brasileiro quase duplicou no mesmo período, saltando de 4,4% para 8,5%, o maior avanço em pontos percentuais dentre todas as unidades da federação.

A análise de *market share* mostra um retrato agregado de cada estado, no entanto, não é suficiente para assegurar a competitividade e sustentabilidade do setor no longo prazo nem explica *per si* os movimentos observados. Faz-se então necessário jogar luz sobre as diferentes composições de atividades econômicas entre e dentro das unidades da federação bem como outras características intrínsecas ao processo produtivo, como o perfil da mão de obra, produtividade, custo do trabalho e presença de cadeia de fornecedores.

Perfil da Atividade Econômica: Estabelecimentos e Empregos

Em 2016, o setor de confecção de vestuário fluminense era composto por 3.551 estabelecimentos formais, 11,3% a mais do que em 2007. Nessa análise, o Rio de Janeiro se distingue pela maior concentração de empresas que fabricam roupas íntimas (29,7%), em comparação à média nacional (10,8%).

Em termos de mão de obra, esta diferença no perfil das atividades fica ainda mais

evidente. O Brasil emprega 579,3 mil trabalhadores no setor e a maior parte dos empregos de confecção está concentrada na atividade de *Fabricação de Peças de Vestuário, Exceto Roupas Íntimas*. Essa rubrica é responsável por 76,5% dos postos de trabalho do setor a nível nacional. Entre os maiores produtores de vestuário do país, a concentração nessa atividade é ainda mais acentuada, variando de 80,3% no **Paraná** a 89,9% em **São Paulo**, sendo esta distribuição observada na maioria dos estados. Mas há exceções, sendo o Rio de Janeiro uma delas.

A confecção no estado do Rio de Janeiro se distingue do perfil observado a nível nacional por possuir distribuição mais equilibrada entre as atividades. Além de 51,0% de sua mão de obra atuar na *Fabricação de Peças de Vestuário, Exceto Roupas Íntimas*, outros 40,6% de seus 42,1 mil trabalhadores estão envolvidos na produção de **moda íntima** – frente a apenas 12,6% no Brasil como um todo. Para se ter uma ideia, entre os estados investigados, o **Ceará** é o que apresenta perfil setorial mais próximo ao fluminense com 43,3 mil trabalhadores e o segundo maior percentual (30,7%) de empregados alocados nessa atividade. De fato, o Rio de Janeiro é o maior empregador da confecção de moda íntima do país, responsável por quase um em cada quatro postos de trabalho dessa atividade no Brasil (23,4%).

Gráfico 3: Distribuição dos Estabelecimentos no Setor de Confecção de Vestuário e Acessórios em 2016 – RJ x BR

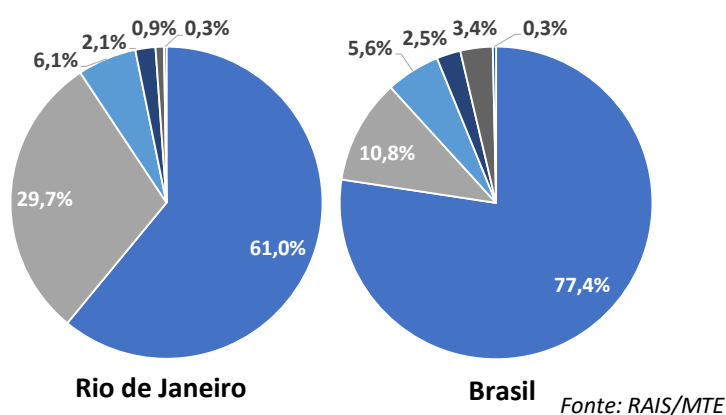


Gráfico 4: Distribuição dos Empregos no Setor de Confeção de Vestuário e Acessórios em 2016
Brasil e Maiores Produtores de Vestuário do País

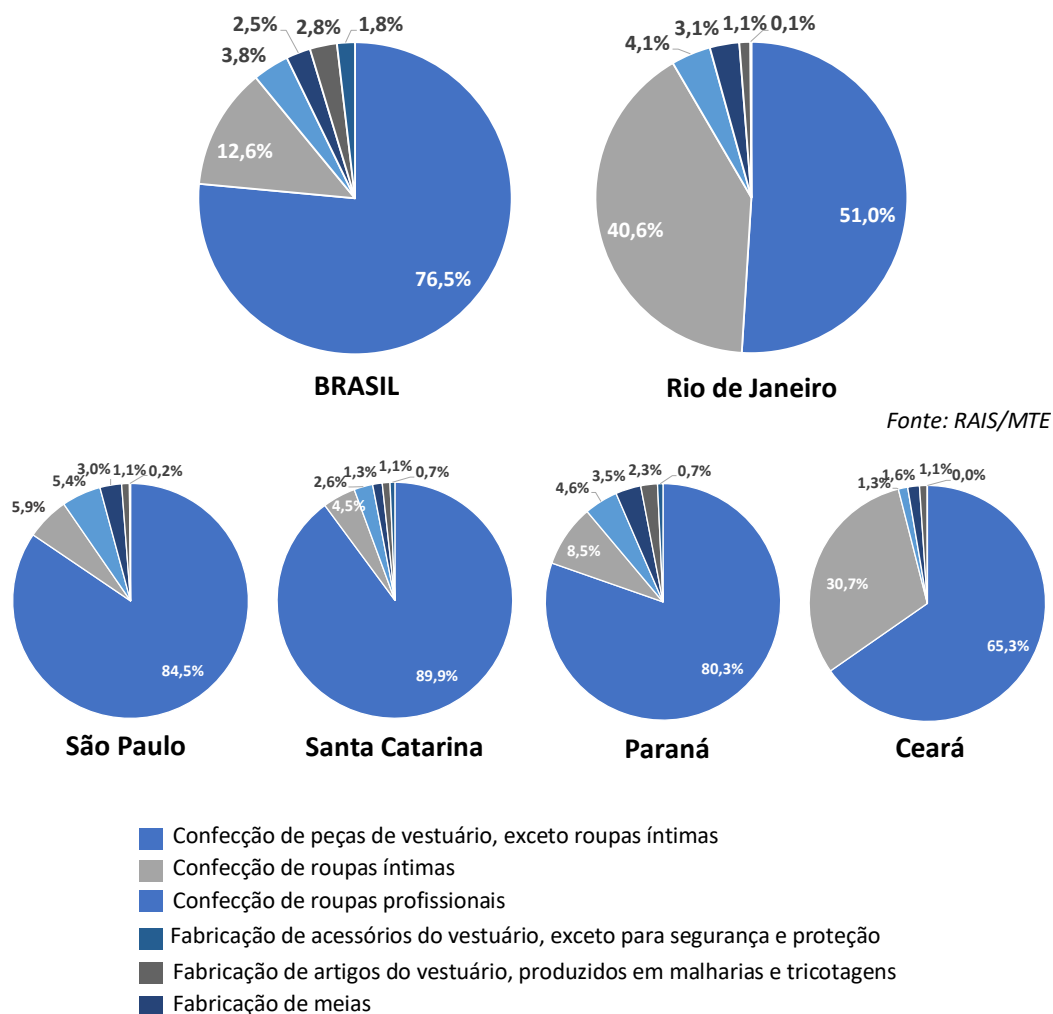


Tabela 5: Distribuição dos Empregos do Setor de Confeção de Vestuário e Acessórios em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Peças do Vestuário, exceto Roupas íntimas	Roupas íntimas	Roupas profissionais	Acessórios do Vestuário	Artigos do Vestuário (Malharias e Tricotagens)	Fabricação de Meias	Total Confeção
SP	80,3%	8,5%	3,5%	2,3%	0,7%	4,6%	142.910
SC	89,9%	4,5%	1,3%	1,1%	2,6%	0,7%	105.664
MG	71,6%	14,0%	5,3%	1,7%	6,4%	1,0%	65.669
PR	84,5%	5,4%	3,0%	5,9%	1,1%	0,2%	55.341
CE	65,3%	30,7%	1,3%	1,6%	1,1%	0,0%	43.345
RJ	51,0%	40,6%	4,1%	3,1%	1,1%	0,1%	42.109
GO	71,6%	12,1%	3,1%	1,6%	11,5%	0,0%	23.057
RS	67,0%	12,1%	5,3%	2,8%	12,8%	0,0%	21.657
PE	83,5%	9,6%	4,5%	1,9%	0,5%	0,0%	18.953
RN	88,2%	3,6%	1,1%	6,7%	0,4%	0,0%	16.384
Demais UFs	64,4%	12,7%	11,4%	3,2%	2,5%	5,8%	44.232
BR	76,5%	12,6%	3,8%	2,5%	2,8%	1,8%	579.321

Fonte: RAIS/MTE

No saldo dos dez anos compreendidos entre 2007 e 2016, o tamanho do setor de confecção no Brasil mudou muito pouco. Os movimentos observados no mercado de trabalho mostram que o número de empregos oscilou de 570,1 mil em 2007 para 579,3 mil em 2016, fortemente influenciado pelos movimentos da conjuntura econômica ao longo desse período: em 2010, no auge do crescimento econômico brasileiro, chegou a ultrapassar os 700 mil trabalhadores, mas desde então mantém trajetória descendente. Movimento este observado praticamente em todos os estados.

Em especial, houve pequenas mudanças na distribuição dos postos de trabalho entre os estados brasileiros. Notadamente, o único movimento significativo foi no topo do ranking dos empregadores: **São Paulo** recuou de uma participação de 27,3% para 24,7%, em detrimento ao ganho de **Santa Catarina** (de 15,3% para 18,2%). Há outros pequenos movimentos na configuração estadual, pouco significativos, como o leve recuo da participação fluminense (de 7,7% para 7,3%) em contraste com o avanço do **Ceará** (de 6,9% para 7,5%). Contudo essas variações marginais não podem ser encaradas isoladamente como indicativos de perda ou ganho de produtividade e ou mercado, uma vez que podem refletir apenas flutuações da conjuntura econômica recente.

Remuneração e Escolaridade dos Trabalhadores Formais

Em termos de tamanho, embora o Rio de Janeiro seja o terceiro maior produtor, é o sexto em mercado de trabalho formal, o que traz à discussão questões relacionadas ao desempenho do setor, como produtividade e custo do trabalho. Ambos indicadores relacionados ao mesmo recurso: Trabalho. Sendo um setor altamente intensivo em mão-de-obra, é possível inferir que a qualidade dos profissionais e sua remuneração tenham influência direta na competitividade dos estados e, portanto, é válida sua análise.

Pelo prisma da remuneração, os trabalhadores formais do setor de confecção de vestuário fluminense recebiam salário médio de R\$ 1.464 em 2016, o terceiro maior do país, superado novamente por **Santa Catarina** (R\$ 1.689) e **São Paulo** (R\$ 1.593). Entre 2007 e 2016, contudo, o salário fluminense foi o que mais se valorizou em termos reais, considerando o INPC como deflator: nesses dez anos, a remuneração média no setor avançou 45,5%, percentual acima da variação média nacional (+30,8%), porém inferior ao avanço da Indústria de Transformação fluminense como um todo no período (+56,2%).

Tabela 6: Distribuição das Empresas do Setor de Confeção de Vestuário e Acessórios em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Peças do Vestuário, exceto Roupas íntimas	Roupas íntimas	Roupas profissionais	Acessórios do Vestuário	Artigos do Vestuário (Malharias e Tricotagens)	Fabricação de Meias	Total Confeção
SC	R\$ 1.690	R\$ 1.449	R\$ 1.400	R\$ 1.824	R\$ 2.205	R\$ 1.588	R\$ 1.689
SP	R\$ 1.572	R\$ 1.549	R\$ 1.580	R\$ 1.583	R\$ 1.425	R\$ 2.093	R\$ 1.593
RJ	R\$ 1.547	R\$ 1.398	R\$ 1.263	R\$ 1.375	R\$ 1.099	R\$ 1.504	R\$ 1.464
RS	R\$ 1.397	R\$ 1.311	R\$ 1.283	R\$ 1.594	R\$ 1.581	R\$ 1.353	R\$ 1.410
PR	R\$ 1.337	R\$ 1.375	R\$ 1.342	R\$ 1.369	R\$ 1.330	R\$ 1.603	R\$ 1.342
GO	R\$ 1.165	R\$ 1.135	R\$ 1.219	R\$ 1.236	R\$ 1.274	R\$ 1.026	R\$ 1.176
MG	R\$ 1.153	R\$ 1.065	R\$ 1.192	R\$ 1.351	R\$ 1.272	R\$ 1.291	R\$ 1.155
CE	R\$ 1.147	R\$ 1.116	R\$ 1.072	R\$ 998	R\$ 989	-	R\$ 1.133
RN	R\$ 1.101	R\$ 968	R\$ 1.004	R\$ 965	R\$ 921	-	R\$ 1.086
PE	R\$ 1.074	R\$ 1.032	R\$ 1.102	R\$ 1.055	R\$ 974	-	R\$ 1.071
BR	R\$ 1.417	R\$ 1.282	R\$ 1.291	R\$ 1.376	R\$ 1.464	R\$ 1.775	R\$ 1.402

Fonte: RAIS/MTE

Apesar dos salários registrados no Rio de Janeiro serem superiores à média nacional, o estado é menos escolarizado que outros grandes mercados do país – *Tabela 6*. Em 2016, o percentual de profissionais do setor com **Ensino Médio** ou **Superior** completos era de 53,4% no Rio de Janeiro, frente a 61,0% no Brasil como um todo². Esse é o menor percentual para a fabricação de vestuário e acessórios entre todas as unidades da federação. Considerando os maiores empregadores do setor no Brasil, esse quadro destoa principalmente de **São Paulo** (66,9%), **Ceará** (66,7%) e **Goiás** (66,0%), mas se aproxima da realidade vivenciada em **Minas Gerais** (54,2%), **Rio Grande do Sul** (57,8%) e **Santa Catarina** (58,0%).

Em 2016, o percentual de profissionais do setor com **Ensino Médio** ou **Superior** completos era de 53,4% no Rio de Janeiro, frente a 61,0% no Brasil como um todo³. Esse é o menor percentual para a fabricação de vestuário e acessórios entre todas as unidades da federação. Considerando os maiores empregadores do setor no Brasil, esse quadro destoa principalmente de **São Paulo** (66,9%), **Ceará** (66,7%) e **Goiás** (66,0%), mas se aproxima da realidade vivenciada em **Minas Gerais** (54,2%), **Rio Grande do Sul** (57,8%) e **Santa Catarina** (58,0%).

² Quando consideradas apenas as ocupações de “chão de fábrica” (Grandes Grupos 7, 8, e 9 da CBO), essa disparidade permanece, porém em patamares distintos: 45,0% no estado do Rio de Janeiro e 56,0% no Brasil como um todo.

³ Quando consideradas apenas as ocupações de “chão de fábrica” (Grandes Grupos 7, 8, e 9 da CBO), essa disparidade permanece, porém em patamares distintos: 45,0% no estado do Rio de Janeiro e 56,0% no Brasil como um todo.

Tabela 7: Distribuição da Escolaridade do Setor de Confeção de Vestuário e Acessórios em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Até Fund. Incompleto	Fund. Completo	Médio Completo	Superior Completo	Médio + Superior
SP	9,2%	23,9%	62,3%	4,6%	66,9%
CE	9,5%	23,8%	63,9%	2,8%	66,7%
GO	7,9%	26,1%	62,4%	3,6%	66,0%
RN	17,8%	20,2%	60,3%	1,7%	62,0%
PE	17,4%	24,1%	56,6%	2,0%	58,5%
PR	15,3%	26,4%	54,2%	4,1%	58,2%
SC	12,2%	29,8%	51,8%	6,2%	58,0%
RS	13,9%	28,2%	54,0%	3,8%	57,8%
MG	15,8%	30,0%	51,6%	2,5%	54,2%
RJ	15,0%	31,6%	48,7%	4,8%	53,4%
BR	12,4%	26,6%	56,9%	4,1%	61,0%

Fonte: RAIS/MTE

Informalidade das relações de trabalho

A informalidade no mercado de trabalho é uma característica conhecida deste setor e, portanto, deve ser considerada para análise, ainda que estas estatísticas sejam escassas por natureza, especialmente sob a ótica setorial. Contudo, através dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) do IBGE, é possível estimar o tamanho da informalidade no setor de confecção.

Em 2016, a maior parte dos trabalhadores do setor de confecção de vestuário no Rio de Janeiro atuava por **conta própria** (58,2%), enquanto os trabalhadores **formais**, com carteira de trabalho assinada, representavam 36,9% do total. Por sua vez, os trabalhadores informais atuando no setor privado **sem carteira** assinada perfaziam 4,8% daqueles que declararam atuar no setor de confecção. Para efeitos de comparação, no setor de confecção brasileiro como um todo, os trabalhadores por conta própria representavam 45,8% do total, enquanto os formais e os sem carteira equivaliam a 42,5% e 11,7%, respectivamente.

O perfil de formalização da mão-de-obra no setor no Rio de Janeiro é diferente do cenário no Brasil, onde a formalização de um modo geral é maior. Contrasta diretamente com **Santa Catarina**, estado que mais ganhou espaço no mercado de trabalho do setor. Na indústria de vestuário catarinense, a mão de obra formal

Tabela 8: Formalização da Mão de Obra no Setor de Confeção de Vestuário e Acessórios – 2016

10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Formal	Sem carteira assinada	Conta-Própria
SC	72,3%	6,2%	21,5%
PR	59,0%	9,1%	31,9%
RN	49,6%	10,4%	40,0%
MG	45,8%	12,4%	41,8%
SP	45,7%	10,4%	43,8%
RS	45,0%	5,6%	49,4%
RJ	36,9%	4,8%	58,2%
CE	35,4%	23,8%	40,8%
GO	29,3%	17,4%	53,4%
PE	24,8%	28,2%	47,0%
BR	42,5%	11,7%	45,8%

Fonte: PNAD-C/IBGE

representa 72,3% do total, quase o dobro da proporção registrada no Rio de Janeiro, enquanto os trabalhadores por conta própria eram 21,5% e os informais 6,2% do total.

Desempenho: Produtividade e Custo unitário da produção

No olhar conjunto sobre os dados de produção e do mercado de trabalho formal fluminense, chama atenção o fato de o estado ter conseguido alavancar sua participação na produção brasileira de vestuário, ao mesmo tempo em que sua força de trabalho formal recuou de forma mais intensa que a nacional, sobretudo em um setor notadamente intensivo em mão de obra.

Esse quadro reflete, conseqüentemente, o maior índice de produtividade do trabalho observado no setor de confecção fluminense, medida pelo Valor da Transformação Industrial (VTI) em relação ao Pessoal Ocupado. Em 2015, o estado do Rio de Janeiro apresentou o maior indicador de produtividade do trabalho (R\$ 53 Mil/Trabalhador) entre os 10 maiores estados produtores de vestuário do país. A produtividade fluminense foi 43,2% superior à observada no Brasil como um todo (R\$ 37 Mil/Trabalhador).

Entre os estados investigados, apenas **Santa Catarina** (R\$ 52 Mil/Trabalhador) se aproximou do indicador fluminense. O maior produtor de vestuário do país, **São Paulo** (R\$ 35 Mil/Trabalhador) registrou produtividade abaixo da média nacional. Mais do que isso, dentre os 10 maiores estados produtores, a indústria de confecção paulista foi a que registrou maior perda de produtividade do trabalho entre 2007 e 2015: -25,2% em termos reais. Este movimento ajuda a explicar o expressivo encolhimento de sua participação no suprimento da demanda interna de vestuário do consumidor brasileiro.

Por sua vez, as confecções fluminenses sobressaíram-se também na análise evolutiva. Enquanto a produtividade do trabalho do setor de Confecção nacional avançou 16,6% em termos reais entre 2007 e 2015, no estado do Rio o indicador mais do que duplicou (+108,6%) – *Tabela 9*, o que influenciou no ganho de *market share* da indústria de vestuário brasileira, a despeito da crescente concorrência com produtos importados. Além do Rio de Janeiro, entre os estados analisados os maiores ganhos de produtividade foram registrados em **Goiás** (+80,0%) e no **Ceará** (+70,6%),

Tabela 9: Produtividade Real do Trabalho
R\$ mil/Trabalhador do setor de Confecção
de Vestuário e Acessórios

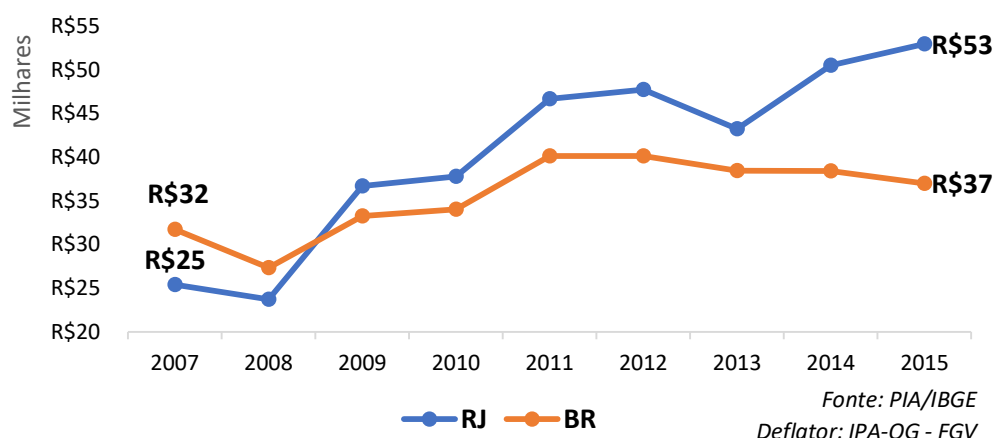
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	2007	2015	Variação
RJ	R\$ 25,4	R\$ 53,0	108,6%
SC	R\$ 42,3	R\$ 51,5	21,7%
GO	R\$ 22,5	R\$ 40,5	80,0%
CE	R\$ 22,3	R\$ 38,1	70,6%
RS	R\$ 39,8	R\$ 37,6	-5,4%
SP	R\$ 46,5	R\$ 34,8	-25,2%
RN	R\$ 24,4	R\$ 33,1	35,6%
PR	R\$ 21,0	R\$ 31,3	49,6%
MG	R\$ 17,5	R\$ 19,9	13,6%
PE	R\$ 14,6	R\$ 18,6	27,2%
BR	R\$ 31,7	R\$ 37,0	16,6%

Fonte: PIA/IBGE

Deflator: IPA-OG - FGV

Gráfico 5: Evolução da Produtividade do Trabalho – RJ x BR – (em R\$ Mil/Trabalhador)



Olhando sob outro ângulo o desempenho da produção, os três estados que registraram maiores ganhos de produtividade entre 2007 e 2015 foram também aqueles onde o **Custo Unitário do Trabalho (CUT)** mais recuou no período, em termos reais – *Tabela 10*. Mais do que isso **Goiás, Ceará e Rio de Janeiro** são os estados onde o setor de confecção de vestuário registrou menor CUT dentre os dez maiores mercados de trabalho do setor analisados nesse estudo. O CUT é um indicador que mostra quanto custa, em termos de insumo trabalho (incluindo salários, benefícios e encargos trabalhistas), gerar R\$ 1 de valor adicionado à produção.

Em outras palavras, nesses estados e no **Rio Grande do**

Norte, onde também houve redução do indicador, os ganhos de produtividade do trabalho mais do que superaram o avanço nos dispêndios médios com remuneração e encargos. Em contrapartida, **São Paulo e Rio Grande do Sul** foram as unidades da federação analisadas onde o custo unitário da mão de obra mais encareceu no período, refletindo as perdas de produtividade observadas anteriormente.

No âmbito da discussão de produtividade e de custo unitário do trabalho, contudo, é prudente reafirmar o elevado percentual de trabalhadores por conta própria no mercado fluminense, conforme descrito anteriormente. Não é possível excluir a possibilidade de essa realidade implicar na subnotificação do pessoal ocupado no setor, conseqüentemente contribuindo para a superestimação de ambos os indicadores de desempenho setorial – em especial, em comparação com o segundo colocado Santa Catarina, onde o mercado de trabalho é muito mais formalizado.

Tabela 10: Custo Unitário do Trabalho Real do setor de Confecção de Vestuário e Acessórios

10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	2007	2015	Variação
GO	R\$ 0,52	R\$ 0,40	-22,2%
CE	R\$ 0,54	R\$ 0,46	-13,9%
RJ	R\$ 0,62	R\$ 0,46	-25,5%
SC	R\$ 0,47	R\$ 0,50	8,2%
RN	R\$ 0,57	R\$ 0,54	-5,6%
RS	R\$ 0,44	R\$ 0,60	35,0%
SP	R\$ 0,45	R\$ 0,65	44,7%
PR	R\$ 0,60	R\$ 0,65	8,1%
PE	R\$ 0,66	R\$ 0,76	14,7%
MG	R\$ 0,71	R\$ 0,83	16,6%
BR	R\$ 0,51	R\$ 0,57	11,1%

Fonte: PIA/IBGE | Deflator: IPA-OG - FGV

Indícios de futuro: Atualização tecnológica e Cadeia de fornecedores

É possível obter indícios da atualização tecnológica e do grau de maturidade da produção de artigos de vestuário de um estado através da análise qualitativa de informações sobre a aquisição de maquinário para o setor. Esses números funcionam como uma boa *proxy* para o investimento no parque tecnológico de cada estado, haja vista que o mercado interno de fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias têxtil e de vestuário é bastante incipiente e a maior parte da demanda interna é suprida por fornecedores estrangeiros.

Considerando as aquisições de equipamentos para a cadeia do vestuário nos últimos cinco anos, entre 2013 e 2017, o Brasil investiu cerca de US\$ 2 bilhões, concentrados principalmente em **São Paulo** (US\$ 823 mi) e **Santa Catarina** (US\$ 437 mi) – *Tabela 6*. Apesar de ser o 3º maior produtor de vestuário do país, o Rio de Janeiro importou diretamente apenas US\$ 33 milhões desde 2013, atrás inclusive de estados onde a indústria de confecção não é tão forte, como **Paraíba, Espírito Santo e Rondônia**. O estado do **Ceará**, que abriga o 2º maior polo de moda íntima do país, atrás apenas do Rio de Janeiro, investiu quase US\$ 50 milhões a mais do que o Rio de Janeiro nos últimos cinco anos.

O baixo investimento em máquinas e equipamentos para o setor implica, no médio a longo prazo, em um parque industrial defasado e menos produtivo, o que afeta a competitividade. No caso do Rio de Janeiro, é possível que a menor escolarização da mão de obra, destacada anteriormente, seja um elemento desestimulante ao investimento em novas tecnologias, haja vista que máquinas mais modernas e que requeiram um processo produtivo mais sofisticado demandam trabalhadores mais qualificados.

Cadeia de Fornecedores

Do mesmo modo, a presença de uma rede de fornecedores de insumos para a produção de vestuário dentro do próprio estado representa uma vantagem competitiva para as confecções locais, uma vez que tende a trazer facilidades em termos de logística e tributação.

Nessa análise, o estado do Rio de Janeiro aparece em posição desfavorável frente à maior parte dos grandes produtores de vestuário do país – *Gráfico 6*. Levando em conta o elo industrial da cadeia produtiva de vestuário, no estado do Rio observa-se a maior concentração na atividade de confecção propriamente dita, e menor relevância da indústria têxtil e de aviamentos para costura. Esse cenário contrasta diretamente com o

Tabela 11: 12 Maiores Importadores de Máquinas e Equipamentos para as indústrias Têxtil e de Confecção de Vestuário e Acessórios

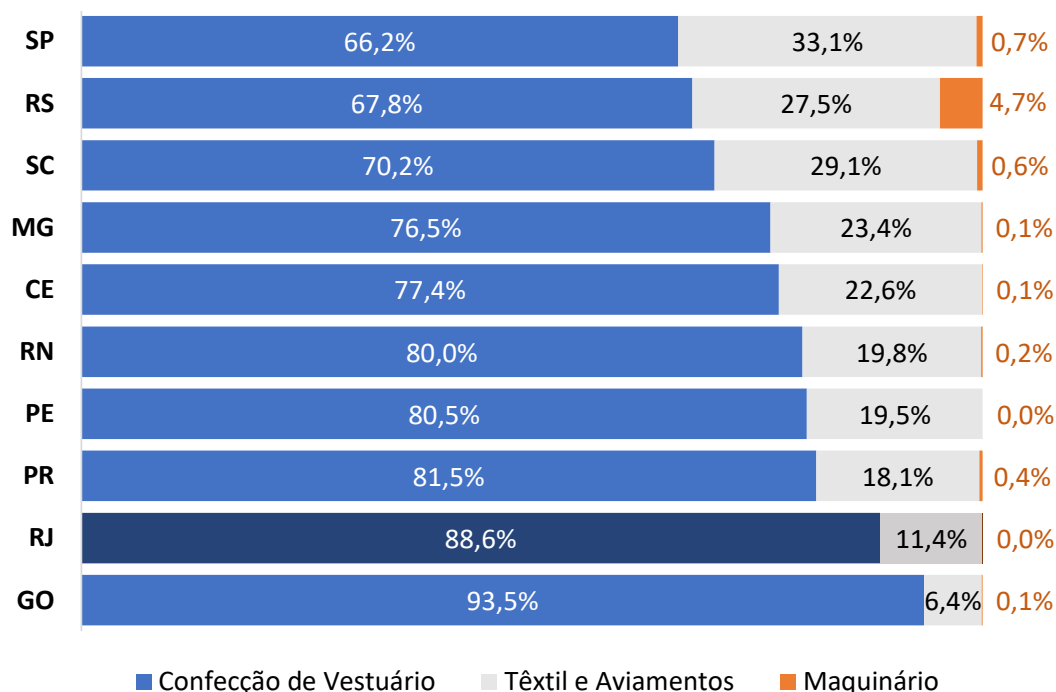
Acumulado de 2013 a 2017 (em US\$)

UF	Total Geral	Part.
SP	\$ 822.959.022	41,1%
SC	\$ 436.902.872	21,8%
PR	\$ 100.868.953	5,0%
MG	\$ 100.010.476	5,0%
RS	\$ 91.837.437	4,6%
CE	\$ 81.835.449	4,1%
PB	\$ 55.106.513	2,8%
ES	\$ 52.438.501	2,6%
RO	\$ 43.692.832	2,2%
PE	\$ 38.472.242	1,9%
RJ	\$ 33.074.964	1,7%
Brasil	\$ 2.000.942.279	

Fonte: MDIC/AliceWeb

observado nos dois maiores produtores de vestuário do país (São Paulo e Santa Catarina), onde a parcela da indústria têxtil é a mais elevada nessa análise, quase o triplo da registrada no estado do Rio.

Gráfico 6: Composição da Cadeia de Confeção de Vestuário e Acessórios nos 10 maiores produtores de confecção do país (exceto Mercado) | Distribuição dos Empregos Formais em 2016



Fonte: RAIS/MTE

Mais do que isso, o estado do Rio de Janeiro exhibe concentração em atividades dentro do próprio elo têxtil. Em 2016, 44,1% dos trabalhadores fluminenses dessa indústria atuavam na “*Fabricação de outros produtos têxteis não especificados anteriormente*”, rubrica onde há empresas que produzem itens como filós, rendas, bordados e tecidos bordados, mas também podem se dedicar à produção de itens não destinados à fabricação de vestuário (como colchonetes, bandeiras, flanelas, sacos, etc.). Em contrapartida, em **Santa Catarina**, as maiores concentrações de profissionais na indústria têxtil ocorreram em *Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis* (30,9%) e *Fabricação de tecidos de malha* (22,0%). Já no **Ceará**, que concorre com a indústria fluminense no segmento de moda íntima, a distribuição também demonstra maior diversidade e é liderada por *Tecelagem de fios de algodão* (28,1%), *Preparação e fiação de fibras de algodão* (22,6%) e *Fabricação de tecidos de malha* (16,1%).

BOX: Exportações de Artigos do Vestuário

De forma geral, a indústria de confecção brasileira não possui perfil exportador. Comparando os dados da produção industrial bruta de 2015 (último dado disponível) com as vendas externas naquele ano, apenas 1,4% do valor total produzido no Brasil neste setor foi destinado ao exterior – no Rio de Janeiro, esse percentual foi de 1,3%. De fato, entre os estados brasileiros, apenas o **Rio Grande do Sul** foge desse quadro: em 2015, 9,1% da produção de vestuário gaúcha foi exportada, ainda que seja apenas o 7º maior produtor nacional de vestuário. Por sua inexpressividade, as exportações do setor não foram consideradas como fator crítico de análise para a competitividade dos e entre estados, limitando-se apenas a este box como leitura complementar ao quadro do setor.

Além de pouco expressivo em participação, em termos absolutos, o valor das exportações brasileiras de vestuário tem oscilado em torno do mesmo patamar desde 2009. Neste cenário, o Rio de Janeiro possui 7,9% de participação nas exportações nacionais e é o quarto maior exportador de vestuário do país, atrás de **Santa Catarina** (31,3%), **Rio Grande do Sul** (25,3%) e **São Paulo** (20,4%).

É válido destacar, que, como esperado, o estado do Rio se sobressai na exportação de **Moda Praia**, segmento no qual respondeu por 49,3% do valor exportado pelo Brasil em 2017.

As roupas de banho do Rio de Janeiro se destacam também pelo elevado valor no mercado internacional: em 2017, o preço médio em US\$/Kg foi de US\$140, quase o dobro da média de vestuário fluminense (US\$ 79/Kg) e o quádruplo da média de vestuário brasileira (US\$ 35/Kg). A *Tabela 12* mostra o elevado valor agregado dos itens de vestuário do Rio, em comparação à média nacional – em todos os segmentos analisados, o estado do Rio de Janeiro possui maior valor médio.

Para se ter uma ideia, o estado do Rio possui o quilo de vestuário mais valorizado do país, seguido por **Pernambuco** (US\$ 74/Kg) e **Goiás** (US\$ 64/Kg). Os maiores exportadores de vestuário do país, em contrapartida, apresentam valores consideravelmente menores: **Santa Catarina** (34 US\$/Kg), **Rio Grande do Sul** (US\$ 25/Kg) e **São Paulo** (US\$ 45 /Kg). Ainda que esses números façam referência apenas aos produtos de exportação das confecções fluminenses, são um possível indício do perfil de produção do estado do Rio de Janeiro, com produtos de maior valor agregado do que os demais estados brasileiros. Em 2017, os principais destinos das exportações de vestuário fluminenses foram os **Estados Unidos, Uruguai, Paraguai, Japão, Portugal e Grécia**, que juntos responderam por aproximadamente 70% do total exportado pelo estado do Rio.

Tabela 12: 10 Maiores Exportadores de Confecção de Vestuário e Acessórios em 2017 (em US\$)

UF	Exportações	Part.
SC	\$ 56.748.105	31,3%
RS	\$ 45.712.311	25,3%
SP	\$ 36.995.553	20,4%
RJ	\$ 14.368.484	7,9%
PR	\$ 5.170.788	2,9%
CE	\$ 4.014.150	2,2%
MG	\$ 3.336.607	1,8%
GO	\$ 1.294.884	0,7%
BA	\$ 1.093.288	0,6%
MS	\$ 861.646	0,5%
BR	\$ 181.025.767	

Fonte: MDIC/AliceWeb

Tabela 13: Valor Médio em US\$/Kg das Exportações do setor de Confecção de Vestuário e Acessórios – RJ e BR

	BRASIL	RJ	BR
Moda Praia		\$ 140	\$ 121
Vestuário Feminino		\$ 86	\$ 47
Acessórios		\$ 71	\$ 34
Moda Íntima		\$ 61	\$ 37
Vestuário Masculino		\$ 43	\$ 35
Demais		\$ 35	\$ 27
Total Vestuário		\$ 79	\$ 36

Demais: camisetas, suéteres, vestuário para bebês, meias, etc. Fonte: MDIC/AliceWeb

Conclusões e Recomendações

O presente estudo apresentou um panorama recente sobre a evolução da indústria de confecção fluminense e seus principais fatores de competitividade, além de jogar luz sobre o que a diferencia ou a aproxima dos principais *players* do setor no Brasil. De forma geral, observou-se que, apesar do quadro demissionário observado desde 2012⁴, a produção fluminense de vestuário logrou manter-se em patamar elevado, mesmo em um cenário de redução do valor produzido nacionalmente, favorecida por ganhos na produtividade do trabalho.

No âmbito das demais unidades da federação, os dois maiores produtores e empregadores da confecção de vestuário do país caminham em direções opostas. **São Paulo**, antes hegemônico, perde produtividade e participação no mercado brasileiro, abrindo espaço para que **Santa Catarina** se aproxime da liderança. Esses estados também dominam a pauta das importações de vestuário, tornando-se assim as principais potências brasileiras no setor de confecção – os demais estados competem tanto com a produção industrial deles quanto com os itens importados que distribuem. Observou-se, contudo, que as confecções de São Paulo e Santa Catarina se concentram majoritariamente em peças do vestuário diversas, enquanto no estado do Rio de Janeiro essa atividade divide espaço com um forte mercado de moda íntima.

Em meio a essa conjuntura, é possível inferir duas realidades no mercado de confecção fluminense: de um lado, as confecções de *vestuário, exceto roupas íntimas*, que competem diretamente com os grandes produtores nacionais e com a produção importada por eles; do outro lado, os produtores de *moda íntima*, que lideram o mercado interno em tamanho e volume e não possuem competição internacional, pois o volume importado destes artigos é baixo. Naturalmente, ambos segmentos são afetados pelos fatores conjunturais desfavoráveis dos últimos anos, com o declínio da economia brasileira e, de forma mais contundente, fluminense.

Não obstante, há “sinais de alerta” que precisam ser levados em consideração na análise do setor. Os profissionais fluminenses são menos escolarizados, a formalização do mercado é especialmente baixa e há indícios de que as confecções fluminenses têm investido relativamente muito pouco na modernização de seu parque tecnológico. Soma-se a isso o fato de os dados mostrarem que o estado dispõe de uma cadeia de fornecedores menor e menos diversa do que outros grandes produtores de vestuário do Brasil. Isso pode ser ainda mais preocupante no segmento de confecção de roupas íntimas, onde a concorrência parece restrita ao ambiente nacional. Isso porque no segundo maior polo de produção de moda íntima do país, o Ceará, esses indicadores mostram-se mais favoráveis ou, no mínimo, semelhantes ao observados no estado do Rio.

⁴ Entre 2012 e 2016, o setor de confecção de vestuário perdeu cerca de 10 mil postos de trabalho no estado

Em síntese, ainda que os indicadores de produção e produtividade da indústria de vestuário fluminense demonstrem resiliência no período analisado, há fatores estruturais que, se não já limitam o desenvolvimento do setor atualmente, podem ser uma âncora para o estado no médio prazo.

Por fim, recomenda-se, como complemento a essa análise, a realização de um estudo no âmbito do ambiente de negócios, com foco nos incentivos e benefícios fiscais para o setor de vestuário nos estados brasileiros e em como isso afeta a competitividade dos mesmos, pela área competente dentro do Sistema FIRJAN. Com a recente aprovação do convênio de convalidação de incentivos fiscais de ICMS pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), haverá maior transparência nos benefícios aplicados no nível estadual, tornando-se assim mais factível a realização desse tipo de análise.